

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 3 Setembro de 2011	N. 23
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro	
EDITOR: Samuel Belk	

NESTE NÚMERO

- 1-O Encontro Luz e Bom retiro
- 2- O cenário para o filme de Spielberg
- 3- Os judeus na América
- 4-Uma exposição sobre imigração
- 5-Figner, um precursor dos discos
- 6- Dom Pedro Segundo

Encontro Luz e Bom retiro

A historiadora Lucia Chermont, coordenadora de atendimento, pesquisa e educação do AHJB, foi convidada pelo Centro da Cultura Judaica para participar do *Encontro Luz e Bom Retiro, Memória e Vida*, no dia 18 de agosto. Esta foi uma atividade paralela da exposição: *Bom Retiro e Luz: Um Roteiro, 1976 – 2011*, no Centro da Cultura Judaica. O Encontro contou com a participação de Gabriela Aidar, coordenadora do Programa de Inclusão Sociocultural do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo e mediação de Felipe Paros, coordenador da Ação Educativa do Centro da Cultura Judaica. No Encontro foi apresentado: a história do AHJB, como são divididos os acervos e as atividades diárias de cada um deles. Logo após foi feita a leitura de uma pequena contextualizando da comunidade judaica na primeira metade do século XX, em São Paulo. Ao final foi realizado dois recortes no acervo do AHJB: primeiro documentos e imagens de três Fundos Institucionais assistenciais: a EZRA, a Linath Hatzedek e a OFIDAS e segundo, imagens dos Fundos e Coleções Pessoais do Parque da Luz, nos anos 1930-40. Gabriela Aidar apresentou o maravilhoso projeto de inclusão sócio cultural com moradores em situação de rua, trabalhadores de baixa renda e ONGs desenvolvida pela Pinacoteca do Estado de São Paulo.

O cenário para o filme de Spielberg

Uma antiga fábrica de utensílios de cozinha tornou-se atração turística na cidade de Cracóvia, na Polônia. Mas não se trata de uma fábrica qualquer. O estabelecimento pertenceu a Oskar Schindler e foi ali que o cineasta Steven Spielberg filmou *A lista de*

Schindler, em 1993. As instalações fabris foram recentemente transformadas em museu e o cenário do longa-metragem dedicado ao industrial alemão que protegeu centenas de judeus durante o Holocausto agora está aberto para visitação pública. A primeira exposição permanente mostra como era a vida na cidade antes e durante a ocupação nazista, entre 1939 e 1945. Inclui também uma mostra sobre a biografia de Schindler e de seus 1.200 funcionários judeus que escaparam dos campos de concentração. Por meio de fotos, documentos e móveis originais, painéis e telas multimídia com recursos visuais e acústicos, o visitante é transportado para os tempos da guerra. Durante a ocupação nazista, a fábrica de Schindler também passou a abastecer a produção bélica nazista. Com o final do conflito, o local passou a produzir material de telecomunicações e seguiu até 2002, quando a empresa fechou as portas. (a autora, *Heloísa Broggiato*, é jornalista, tradutora e cientista)

Os Judeus na América

A história dos judeus na América começa com a viagem de descobrimento de Colombo em 1492, em cuja tripulação se encontravam vários marinheiros e médicos judeus. Os primeiros imigrantes judeus vieram da Espanha, Portugal e Brasil no século 16 e 17. A primeira comunidade judaica norte americana foi fundada por judeus portugueses em 1654 em New Amsterdam, hoje New York. A primeira comunidade judaica alemã surgiu em 1802. Os judeus foram recebidos calorosamente, pela maioria dos colonos americanos visto que estes também eram refugiados religiosos (William Penn, Roger Williams) Eles tomaram parte no desenvolvimento político e econômico do país, trazendo um histórico cultural de seus lugares de origem na Europa. Judeus alemães imigraram principalmente entre 1820 e 1879; os judeus do leste europeu, principalmente depois de 1882, judeus alemães, de novo em 1933 e “Pessoas deslocadas”, depois de 1945.

Os judeus na América não formam uma unidade, nem possuem um chefe religioso comum. Eles se diferenciam pelo aspecto religioso (ortodoxos, conservativos, reformistas, reconstrucionistas) por sua origem geográfica e pela grande variação de interesses econômicos. (comerciantes, profissionais liberais operários e empresários).

Os Estados Unidos são, desde a destruição do judaísmo Europeu, o centro intelectual judaico nos países da Diáspora. A população judaica contava em 1953 com mais de 5 milhões de almas, 50% da população judaica mundial. Suas entidades representativas são: Jewish Theological Seminary (conservador), Hebrew Union College (reformista) e Yeshiva University (ortodoxa). O American Jewish Commitee, o American Jewish Congress, o

Yiddish Scientific Institute e a American Academy for Jewish Research. Elas subsidiam extensas pesquisas científicas relativas a assuntos judaicos. Também existe farta literatura científica e popular em inglês e ídish.

O judaísmo americano se destaca pela sua generosidade filantrópica e pelas suas fundações. A missão da American Jewish Joint Distribution Committee, da United Palestine Appeal e do National Refugee Service é a reabilitação e amparo dos judeus refugiados de países de ultramar. Nos Estados Unidos se encontram grandes organizações beneficentes que, independentes de qualquer confissão religiosa, administram e subsidiam hospitais modernos sanatórios, jardins de infância e outras instituições assistenciais. (Da Enciclopédia Alemã)

Uma Exposição sobre Imigração

A exposição “Imigração Judaica – Cronologia e Origens” do AHJB foi solicitada pelo Colégio Bialik para enriquecer o evento do Projeto Shorashim – Raízes, dos alunos do 7º ano. Este projeto tem como objetivo um estudo das famílias no qual os alunos pesquisaram, registraram e coletaram depoimentos. Ao final do projeto cada aluno preparou um Álbum de Família que foi entregue aos pais no dia 15/08/2011, numa grande comemoração no salão nobre do Colégio.

Figner, um Precursor dos Discos

Léa Vinocur Freitag

A primeira gravação de música popular foi realizada no Brasil pela Casa Edison - o lundu "Isto é bom", de Xisto Bahia. Para conhecer a história desse estabelecimento pioneiro, a Casa Edison, é preciso recordar a presença marcante de Frederico Figner (1866-1947), que o inaugurou no Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor, em 1900. O tcheco Figner, de origem judaica, imigrou para os Estados Unidos e depois veio ao Brasil (Belém do Pará) em 1891, trabalhando em diversas cidades até chegar ao Rio de Janeiro.

Os discos fabricados por Figner eram tocados em vitrolas movidas a manivela. O primeiro disco brasileiro foi gravado na Casa Edison pelo cantor Manuel Pedro dos Santos, o “Bahiano”, em 1902 - era o lundu “Isto é Bom”. A partir daí outros artistas começaram a gravar suas composições em discos, que eram distribuídos pela Casa Edison do Rio e também pela filial que Figner havia aberto em São Paulo.

A procura pelos discos cresceu tanto que em 1913 Figner decidiu instalar uma indústria fonográfica de

grande porte na Vila Isabel (Rio de Janeiro), dando origem ao consagrado selo Odeon. Construiu a Mansão Figner, no Flamengo, atual Centro Cultural Arte-Sesc, que foi utilizado como hospital, em 1918, durante a epidemia da gripe espanhola. Apesar de ele próprio ter sido acometido pela enfermidade, auxiliou os doentes, transformando seu palacete em enfermaria de campanha.

Figner havia se tornado amigo de muitos músicos e cantores de sucesso, como Alberto Costa, tio de Bidu Sayão, e, numa época em que não havia nenhuma assistência, ficou consternado com a situação de penúria de alguns artistas quando chegavam à velhice. Sensibilizado com esse drama social, decidiu doar um terreno em Jacarepaguá para a construção do Retiro dos Artistas, que funciona até hoje.

Em 1947, quando faleceu, aos 81 anos de idade, seu testamento destinava parte substancial dos bens a obras sociais, pois Figner sempre havia dedicado seu tempo aos menos favorecidos. Pelas realizações relevantes, a imprensa considerou Frederico Figner “o mais brasileiro de todos os estrangeiros”.

Dom Pedro Segundo

A propósito de uma das últimas aquisições de nossa Biblioteca, *D. Pedro II e seus amigos judeus*, de Sonia Sales, nos chama a atenção sobre os títulos do imperador brasileiro, nosso último imperador, abolicionista, interessado por fotografia, ciências, educação, música, literatura, e que morreu no exílio, em Paris.

A autora Sonia Sales, escritora, poeta e autora de ensaios e livros, é formada em Psicologia e Arte sendo também Membro Titular da Academia Carioca de Letras.

Em nossa biblioteca, a respeito deste que foi grande fomentador da cultura em nosso país temos, entre outras, as seguintes publicações:

D. Pedro II e o seu mundo, através da caricatura; O hebraísta no trono do Brasil Imperador D. Pedro II; D. Pedro II e os judeus; História secreta do Brasil ,e D. Pedro II na Terra Santa, diário de viagem 1876.

Colaboradores: Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Hadasa Cytrynowicz, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont e Rebeca Belk.

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

*Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 / 2157-4121
E Mail: ahjb@ahjb.org.br Site: www.ahjb.org.br*